

Os acontecimentos do mes passado que despertaram a atenção da opinião pública podem ser melhor compreendidos se for considerada a história bastante recente (desde os anos de 1940 até hoje) desta região, até faz poucos anos desconhecida e considerada impenetrável.

Esta panorâmica não pretende ser exaustiva, pois me parece coisa impossível entender perfeitamente aquilo que aconteceu sem conhecer pessoalmente pessoas e lugares deste mundo desconhecido.

Teríamos dividir o assunto em três partes: as pessoas, os lugares e os acontecimentos.

As pessoas. Até os anos de 1930/1940 os que moravam nesta imensa área da floresta amazônica eram diferentes comunidades indígenas da região CURUAIA-CHIPAIA. Estes são Índios pacíficos, que se dedicam à caça e pesca, e também ao cultivo do milho, da mandioca, de fruteiras e da castanha do Pará. Eles conhecem muito bem os rios, e foram (e são ainda) os melhores pilotos das embarcações que percorrem os rios.

No começo dos anos 1940/1950 estes Índios Curuaia-Chipaia foram dizimados pelas frequentes invasões dos Índios CAYAPÓS, provindos do Mato Grosso e obrigados a fugir do homem branco "civilizado". Para escapar à chacina, os Índios Cayapós foram seguindo o percurso do rio Xingu e de seus afluentes: os rios Iriri e Curuaí. Isto para alcançar refúgio no meio da floresta. Ao longo do caminho os Cayapós se encontraram com os Curuaia-Chipaia, por eles desconhecidos, e que eles atacaram a fim de tomarem-lhes suas roças. Os Índios Curuaia-Chipaia, inferiores em número e em capacidade de lutar, foram quase que inteiramente dizimados. Os poucos que conseguiram escapar ao massacre, foram seguindo os rios Curuaí e Iriri, onde foram dar de encontro com os seringueiros e gateiros que tinham penetrado na floresta em busca do leite das seringueiras e dos couros de gato e de onça. Também com estes brancos "civilizados" a briga foi feia, com mais massacres de ambas as partes.

É bom lembrar que estes seringueiros eram também gente pobre que o Governo tinha encaminhado para a mata a fim de explorar a riqueza da borracha. Gente humilde e pobre que se encontrou completamente desamparada e abandonada a si mesma, e que teve que lutar com todas suas forças para sobreviver e achar uma colocação para suas famílias.

Assim os Índios Curuaia-Chipaia encontraram-se entre dois fogos: de um lado os Índios Cayapós, valentes e ferozes, e do outro os brancos cristãos que procuravam sobreviver lutando contra os perigos da mata e contra os mesmos Índios, por eles considerados que nem bichos, mais do que pessoas humanas (mentalidade que ainda hoje existe em bom número de brancos cristãos "civilizados").

Através das diversas tentativas de pacificação dos Índios que o Governo fez nos anos 1950/1960, os Cayapós foram contatados em toda a região do Sul do Pará, que se encontra entre os rios Tocantins a Leste e o rio Tapajós a Oeste. Aos poucos os Cayapós foram colocados em aldeias onde viver em paz.

Quanto aos Índios Curuaia-Chipaia que sobreviveram, eles entraram em contato com os brancos cristãos e estabeleceram aliança com eles, na certeza de serem por eles protegidos contra as invasões e ameaças dos Índios Cayapós.

Hoje em dia, quase todos os Índios Curuaia-Chipaia adultos estão casados com brancos cristãos, os mesmos que no começo lutaram contra eles.

Protegidos pelo grande sertanista Francisco Meirelles, que tinha utilizado o conhecimento e a capacidade de alguns deles nas suas expedições para apaziguar os Cayapós, os remanescentes dos Curuaia-Chipaia (pouco mais de 50) foram se estabelecendo ao longo dos rios Curuaí e Iriri, e recomeçaram sua vida em paz.

Já mencionamos para outro grupo de pessoas que hoje estão vivendo ao longo da beira dos rios: são os seringueiros, antigos soldados da borracha.

Quase todos eles são originários de outros Estados do Brasil e vieram aqui na região amazônica a mando do próprio Governo, que necessitava de mão de obra para a recolha do leite de seringueira para a borracha.

Quando que este trabalho de cortar seringa não compensava muito, estes seringueiros procuraram outra fonte de lucro através da caça ao gato e às aranhas, cujos couros comercializados rendiam bastante, apesar da proibição por parte do Governo.

Quando estes seringueiros e soldados da borracha foram encaminhados para a mata por convite do Governo, foi-lhes prometido que teriam recebido toda assistência em toda espécie de documentação: desde os documentos pessoais (registro, carteira de identidade, etc) aos documentos de propriedade das terras que eles teriam beneficiado. Ademais teriam recebido assistência sanitária, escolar e meios de transporte seja para viajar como para escoar os produtos de seu trabalho.

Infelizmente estas promessas do Governo nunca foram mantidas, a não ser apreensão de retirar os produtos que interessavam, a ser a borracha e a castanha. Quanto ao restante os seringueiros foram abandonados e esquecidos na floresta. Mas, sendo gente acostumada à dureza da vida e à luta de cada dia, eles conseguiram não somente sobreviver, e sim se estabelecer ao longo dos rios, criando nos poucos melhores condições de vida. Hoje em dia eles têm sua casa (mesmo que seja uma simples taipa), suas roças, suas estradas de seringa e de castanha, e muitas fruteiras. Peixe e caça são fartos. O que lhes falta é a assistência sanitária e a escola para seus filhos.

Nos anos 1970/1980, com a abertura da Transamazônica e utilizando fotos aéreas da descoberta da Amazônia e de suas riquezas no subsolo, começou a corrida para ocupação desta área imensa, considerada sem moradores, pois que seja os Índios bem como os moradores e posseiros não tinham nem rosto nem nome para aqueles brancos cristãos "civilizados" que visavam se apoderar do ouro e de outras riquezas que se encontravam no denominado "inferno verde".

Nas florestas começaram a chegar outras pessoas: o pessoal para pesquisa e para aproveitamento das sociedades de mineração de todo o Brasil.

Com uma falta de consciência total, as autoridades encarregadas de fornecer os alvarás para pesquisa e lavra dos minérios, entregaram alvarás que cobriam todo o território desta área, sem se preocupar se aqui havia Índios ou moradores e posseiros, e sem refletir naquilo que poderia acontecer quando Índios e Moradores das beiras dos rios teriam se defrontado com os funcionários e trabalhadores das firmas de mineração.

Os lugares. Por tudo o que já foi falado antes, pode-se compreender como a região de que estamos tratando seja formada por um vasto território com uma multidão de rios e de igarapés que o percorrem. A floresta, no período das grandes chuvas e da água grande, se torna impenetrável, pois fica alagada. Durante o período do verão e da seca, os rios ficam interrompidos por cachoeiras e corredeiras, as quais tornam difícil e muito perigosa a navegação. Somente quem está acostumado a viver neste ambiente consegue não se perder e a se deslocar de um lugar para outro, ainda que com dificuldade e com perigo.

É preciso ainda lembrar as grandes distâncias que devem ser percorridas a fim de alcançar algum lugarejo ou as cidades organizadas.

Os acontecimentos. Podia-se prever que a invasão sem alguma discriminação por parte das firmas mineradoras teria provocado conflitos muito graves e talvez sangrentos.

A fim de prevenir estes conflitos, a Igreja da Prelazia do Xingu, com sede em Altamira, assumiu, já faz alguns anos, como uma das linhas prioritárias de sua atuação pastoral, a assistência e a proteção dos grupos de Índios e das famílias que vivem na região.

A Prelazia do Xingu, talvez a única entidade que se preocupou com a gravidade do perigo da situação, não se limitou em levar ao conhecimento das autoridades e a alertar quanto ao perigo, e tampouco se limitou a denunciar as ilegalidades e as arbitrariedades cometidas pelas firmas de mineração e outros, mas procurou encontrar soluções concretas e viáveis a fim de resolver o problema do conflito.

Uma das primeiras atividades realizadas na área dos rios Xingu, Iriri e Curuá foi a de conhecer quantas pessoas, famílias e grupos de Índios viviam na região; conhecer de onde provinham, sua história, sua situação atual. Foi realizado um levantamento e um trabalho de documentação das famílias e das posses que elas tinham adquiridos com seu trabalho e com sua presença.

Quanto aos Índios, a Prelazia do Xingu, juntamente com toda a Igreja do Brasil, continuou insistindo junto às autoridades para que fossem determinadas e demarcadas as áreas de reservas indígenas.

Infelizmente, seja a documentação pessoal e das posses dos moradores dos rios, seja as áreas de reservas indígenas não foram realizadas, devido à omissão das autoridades competentes.

Evidentemente a tentativa e o trabalho que a Prelazia do Xingu estava fazendo não podia ser bem aceito e bem visto por parte das firmas de mineração e de outros interessados em ocupar toda a região do Sul do Estado do Pará.

Logo começaram os boatos afirmando que os Padres da Prelazia estavam percorrendo a região dos rios desenvolvendo atividades subversivas e de terrorismo, atrapalhando e impedindo o "desenvolvimento" econômico da região, com dano para o Brasil inteiro.

Dos boatos passou-se às ameaças e aos atos de violência contra quem procurava freiar a corrida desenfreada às riquezas da Amazônia, pisoteando os mais elementares direitos humanos e contrariando as Leis vigentes.

Porém a Igreja do Xingu continuou em proteger e apoiar todos os grupos de Índios e todas as famílias que tinham sido abandonadas e esquecidas pelas autoridades.

Quanto isso as firmas de mineração tentaram "esvaziar e limpar" toda a região de qualquer presença de pessoas, usando da intervenção de homens armados, os quais, de armas em punho e de maneira violenta, agrediram e arrancaram de suas casas e de suas posses famílias e Índios, e até hoje estão impedindo que eles voltem para suas casas e colocações, apesar das autoridades terem garantido que eles podem regressar onde foram ilegalmente afastados.

Agora estamos nesta situação. A única esperança de que seja afastado o perigo do conflito se tornar sangrento fica numa intervenção imediata do novo Governo, que deveria assumir uma posição bem clara e definitiva a fim de que sejam respeitados os direitos seja dos Índios como das famílias que vivem ao longo dos rios.

Se não houver esta intervenção imediata por parte das autoridades, há o perigo de que, frente à violência perpetrada pelas firmas de mineração em afastar os moradores e Índios de suas colocações, estes reagiam também com violência, com o conseguinte derramamento de sangue e perdas de vidas humanas, entre as quais vidas de pessoas inocentes que nada têm a ver com as causas do conflito. Nestes dias foi comunicado para a Prelazia do Xingu que uma Comissão Intermunicipal de Inquérito estaria sendo formada para ser encaminhada até o local do conflito, a fim de resolver a questão. Seria este o primeiro passo em vista de chegar a uma pacificação de toda a região e evitar que haja massacres inúteis e perigosos também para o futuro.

Belém, 1º de Maio de 1985

Pe. Ângelo Pansa
da Prelazia do Xingu.

